

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS PIRES DO RIO  
CURSO DE HISTÓRIA**

**VARRIDOS DO SERTÃO: Memórias, (re) Sentimentos e Humilhação (1980)**

**AMANDA MAYARA SANTOS ARAÚJO**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARILENA JULIMAR FERNANDES**

**PIRES DO RIO-GO  
2018**

**AMANDA MAYARA SANTOS ARAÚJO**

**VARRIDOS DO SERTÃO: Memórias, (re) Sentimentos e Humilhação (1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Pires do Rio, sob orientação da Professora Doutora Marilena Julimar Fernandes.

**PIRES DO RIO-GO  
2018**

**AMANDA MAYARA SANTOS ARAÚJO**

**VARRIDOS DO SERTÃO: Memórias, (res) Sentimentos e Humilhação (1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado a Banca de Qualificação

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marilena Julimar Fernandes (Orientadora)  
UEG/Câmpus Pires do Rio

---

Prof. Dr. Vitor Hugo Abranche de Oliveira (Examinador)  
UEG/Câmpus Pires do Rio

---

Prof. Dr. Sandro Dutra Silva (Examinador)  
UEG/Câmpus Pires do Rio

Pires do Rio, -----/ -----/ 2018

## **AGRADECIMENTOS**

A Banca de Qualificação, ou seja, os professores doutores Sandro Dutra Silva e Vitor Hugo Abranche de Oliveira pela disponibilidade em ler o texto e por suas observações importantes para o término do trabalho.

A Deus que sempre esteve do meu lado, aos meus pais João Francisco de Araújo e Lurdes Pereira dos Santos que me apoiaram em todos os momentos, e a minha orientadora Marilena Julimar Fernandes com disponibilidade em ajudar - me.

## RESUMO

A escolha do tema Varridos do Sertão: Memórias, (res) Sentimentos e Humilhação (1980) aconteceu por sugestão da professora orientadora doutora Marilena Julimar Fernandes que apresentou o livro de literatura infantil juvenil “Expulsos do Campo” de Alcides J .R da Silva, publicado em 1986 como sugestão de fonte. Ao ler o livro percebeu-se que este seria um tema importante, pois compreender a realidade de muitas pessoas que passaram/passa pelo mesmo problema retratado pelo autor. O livro conta a história de uma família que morava no campo e tiveram que se mudar para a cidade ao serem mandados embora da fazenda em que trabalhavam. Ao chegarem à cidade Juraci, o garoto, e seu pai Vicente, tiveram que se adaptar ao novo meio, suportando a saudade do campo, a dor de ter perdido a dona Cida mãe de Juraci, as lembranças de um lugar calmo de se viver, a saudade das pescarias, das brincadeiras, da roda de amigos para viverem em um lugar – cidade – desconhecido, estranho e diferente. Na cidade, assim como no campo, a família enfrentava o desemprego e o senhor Vicente ficou doente por sentir saudade do campo e pela falta de emprego. Por isso, Juraci, muitas vezes, enfrentou chacotas de seus colegas, pois não tinha condições de ir bem arrumado para a escola. Apesar das dificuldades Juraci continua a lutar e arruma emprego em uma feira de vendedor de verduras e, com o tempo, adquire sua própria banca. Em seguida, o senhor Vicente se recupera e, juntos vão se adaptando à cidade e tentando se inserir no meio urbano. Essa realidade vivida na cidade levava ao sentimento de humilhação, fracasso, vergonha, etc. e, a partir dessas considerações, a problemática proposta para o trabalho será: - Quais sentimentos podem ser percebidos no cotidiano de uma família expulsa do campo a partir da obra literária Expulsos do Campo de Alcides R. J. da Silva (1986)? E os objetivos serão: discutir os sentimentos que envolvem o homem ao deixar o campo em direção a cidade a partir da obra literária Expulsos do campo de Alcides J.R.da Silva, publicado em 1986; analisar as dificuldades enfrentadas pelo homem do campo ao passar a viver na cidade; compreender os sentimentos de pessoas que deixam o campo para se adaptar a cidade. Após essas considerações o trabalho será organizado em dois capítulos. O primeiro terá como objetivo compreender a relação entre campo e a partir da obra literária: “Expulsos de campo” do autor Alcides R. J. da Silva, publicado em 1986. Já no segundo, será discutido os conceitos de memórias, (res) sentimentos e humilhação e como tais sentimentos são percebidos na obra literária.

**Palavras Chave:** Campo. Cidade. Memórias. Ressentimentos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 CAMPO E CIDADE: Meios Distintos Que se Complementam .....	13
1.1 Campo e Cidade na História.....	13
1.2 Campo e Cidade na Obra <i>Expulsos de Campo</i> .....	17
2. <i>EXPULSOS DO CAMPO</i> : Ressentidos e Humilhados.....	21
2.1 Desafios na Cidade .....	21
2.2. Cidade: Desafios e Superações.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
LISTA DE FONTES .....	35
REFERÊNCIAS .....	36

## INTRODUÇÃO

O tema proposto para o trabalho será *Varridos do Sertão: Memórias, (res) Sentimentos e Humilhação* (1980) desenvolvida a partir da fonte literária, isto é, do livro de literatura *Expulsos do campo* do autor Alcides R. J. da Silva, publicado em 1986. Através da obra percebe-se a rotina da vida de uma família que foi obrigada a sair do campo, tendo que se adaptar a cidade. Realidade vivida por muitas outras famílias da década de 1980, período marcado por muita precariedade e desemprego no campo.

As pessoas que viviam no campo geralmente trabalhavam para fazendeiros, e como a economia estava passando por maus momentos essas pessoas era mandada embora e, sem recursos, a procura de uma vida melhor nas cidades. Contudo, por não estarem de acordo com os padrões sociais estabelecidos pelos centros urbanos e por não possuírem mão de obra especializada não conseguiam, na maioria das vezes, trabalho.

Essa realidade vivida nas cidades levava ao sentimento de humilhação, fracasso, vergonha, etc. e, a partir dessas considerações, a problemática proposta para o trabalho será: Quais sentimentos podem ser percebidos ou que passam a fazer parte do cotidiano de uma família expulsa do campo a partir da obra literária *Expulsos do Campo* de Alcides R. J. da Silva (1986)? E os objetivos serão discutir os sentimentos que envolvem o homem ao deixar o campo em direção a cidade a partir da obra literária *Expulsos do campo* de Alcides J.R..da Silva, publicado em 1986; analisar as dificuldades enfrentadas pelo o homem do campo ao passar a viver nas cidades; compreender os sentimentos de pessoas que deixam o campo para adaptar-se à cidade.

O recorte temporal (1980) justifica-se pelo fato de que na década de 1980 ocorrer uma grande crise econômica, afetando assim toda sociedade, inclusive a zona rural acarretando desemprego nas grandes fazendas e, conseqüentemente a saída do homem do campo para a cidade em busca de empregos e melhores condições de vida. Lembrando, também que a obra escolhida como fonte foi publicada em 1986.

A escolha do tema *Varridos do Sertão: Memórias, (res) Sentimentos e Humilhação* (1980) se deu por sugestão da professora orientadora doutora Marilena Julimar Fernandes que apresentou o livro de literatura infantil juvenil *Expulsos do Campo* de Alcides J .R da Silva, publicado em 1986 como sugestão de fonte.

Ao ler o livro percebeu-se que este seria um tema importante, pois mostra a realidade de muitas pessoas que passaram/passa pelo mesmo problema retratado pelo autor. O

Livro *Expulsos de Campo* do autor Alcides J. R. da Silva (1986) conta a história de uma família que morava no campo e tiveram que se mudar para a cidade ao serem mandados embora da fazenda em que estavam.

Ao chegarem à cidade Juraci o garoto, e seu pai Vicente, tiveram que se adaptar ao novo meio, suportando a saudade do campo, a dor de ter perdido a dona Cida mãe de Juraci, as lembranças de um lugar calmo de se viver, a saudade das pescarias, das brincadeiras, da roda de amigos para viverem em lugar – cidade – desconhecido, estranho e diferente.

Na cidade assim como no campo a família enfrentava o desemprego e seu Vicente ficou doente por sentir saudade do campo e pela falta de emprego. Por isso, Juraci muitas vezes enfrentou chacotas de seus colegas por não ter condições de ir bem arrumado para a escola.

Apesar das dificuldades Juraci continua a lutar e arruma emprego em uma feira vendendo verduras e, com o tempo, adquire sua própria banca. Em seguida, o senhor Vicente se recupera e, juntos vão se adaptando à cidade e tentando inserir no meio urbano.

Lembrando que a fonte utilizada para o trabalho será a literatura, considera-se necessário discutir a o uso da mesma para a produção do conhecimento do Historiador. Inicia-se, então com a discussão de Castro (2015) que nos lembra que desde a década de 1980:

Os gêneros literários e os discursos não especializados foram sendo gradativamente incorporados ao catálogo das fontes documentais da história urbana. A história cultural urbana se torna uma perspectiva de análise que cruza diversos campos do conhecimento em busca de um olhar mais rico para a cidade. (CASTRO, 2015, p. 02).

A autora destaca, também, que os temas da cidade estavam vinculados à formação de uma cultura urbana, a transformação do espaço urbano com obras de embelezamento e remodelação. O elevado número de “crônicas sobre os caipiras na cidade, ainda retratados de maneira cômica e caricata” (CASTRO, 2015, p.03), parecia revelar que uma realidade “provinciana, onde o caipira era atraído pelo capital, era ainda muito presente, fazendo parte mesmo da própria modernização da cidade”. (CASTRO, 2015, p.04).

A autora explica através de uma crônica “as dificuldades do caipira na cidade moderna e todas as implicações dessa tal modernidade, seus descompassos e entraves, abrindo caminho para a compreensão mais efetiva do desenvolvimento urbano incoerente que se esboçava”. (CASTRO, 2015, p.04). Nesse sentido, a autora enfatiza que a literatura fornece pistas para uma compreensão mais rica do “urbano”.

Nesse aspecto, Willians (2009) discute a questão do aparecimento das imagens rurais e urbanas na literatura, “tentando precisar no momento em que ocorre uma transformação



das mentalidades de modo a colocar no campo todas as potencialidades de um passado perdido frente à avassaladora transformação das cidades”. (WILLIANS, 2009, p.12).

Nesse sentido, Castro (2015) destaca que essa ideia de um mundo de transformação pode ser discutida e entendida através da literatura, ressaltando que na “virada do século XIX para XX a literatura era uma importante fonte de leitura da cidade”. (CASTRO, 2015, p.11).

A autora continua enfatizando que havia textos de arquitetos e urbanistas dedicados à história urbana, as cidades passavam a ser compreendidas não apenas como “artefatos construídos, mas também como campo de conflitos com fenômenos sociais”. (CASTRO, 2015, p.10). Aos historiadores e cientista sociais, mais acostumados a lidarem com os fenômenos sociais, “fazia-se necessário incluir a dimensão social material das cidades”. (CASTRO, 2015, p. 10). Em ambos os campos, portanto ao “examinar as formas materiais e simbólicas das cidades nas suas figurações literárias, discutia-se e problematizava a idéia de cidade como lócus da modernidade”. (CASTRO, 2015, p. 11). Ainda segundo o autor, o crítico literário Antônio Candido (1972) contribuiu para a incorporação da literatura como forma de entendimento social.

Discutindo a questão social Borges (2010) nos lembra que as representações de um mundo social, como práticas intelectuais, dentre elas, as ficcionais como as literárias “são sempre marcadas por múltiplos complexos e diferenciados interesses sociais, sobretudo àqueles dos grupos sociais que as forjam”. (BORGES, 2010, p. 03). Ainda de acordo com o autor:

No universo amplo de bens culturais, a expressão literária pode ser tomada excepcional de uma época, pois, um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circula, em cada sociedade e tempo histórico. (BORGES, 2010, p. 05).

Cada tempo histórico que a sociedade vive fica marcado de acordo com os diferentes acontecimentos que surgem. Nesse sentido, Borges (2010), destaca que a literatura se

Apropria não só do passado, como também de documentos e das técnicas da disciplina histórica, como o dispositivo de criar o “efeito de realidade”, abordado por Barthes, como uma modalidade da “ilusão referencial”, com a multiplicação de notações concretas destinadas a carregar a ficção de um peso de realidade. (CHARTIER, 2009, *apud*, BORGES, 2010, p. 05).

O historiador quando se depara com um documento, no caso proposto a literatura, ao analisá-lo deve atentar-se para as características do mesmo, para então desvendar o que se

expressa, trazendo para a realidade suas amplas descobertas. Continuando a discussão Borges (2010) diz que a literatura,

Como testemunho histórico, é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento. Resta aos historiadores descobrir, ponderar, e detalhar sobre as condições de sua produção, as intenções do autor, a forma como ele realiza sua representação e a relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que suscita sua intervenção como autor, as características específicas da obra e do escritor, da escolha em que este concebe seu texto e em que estilo, inserindo-os num processo histórico determinado em um tempo e lugar, pois são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos. (BORGES, 2010, p.10-11).

O historiador deve ter em mente que quando se tem um documento em mãos às características que se encontram devem ser valorizadas, descobrindo que quem o escreveu tinha uma intenção quando o fez, pois, cada época traz suas concepções e intenções individualizadas ou de um grupo. O autor nos lembra ainda que:

Se todo documento, seja ele literário ou de fonte oficial, é uma construção que se pauta num sistema de regras próprias de escrita, peculiares a cada gênero de texto e específicas ao lugar sócio-profissional de onde seu autor o produz, e é a partir daí que se cria um real em conformidade com a historicidade dessa produção e a intencionalidade dessa escrita. (BORGES, 2010, p.10).

Cada documento traz em sua composição suas regras que dão ao historiador possibilidades de tirar o máximo de informação que puderem adquirir. O mesmo autor ressalta que “tanto o literato quanto a literatura, a linguagem e a sociedade, estão aprisionados nas teias da cultura e do tempo, ocorrendo entre tais instâncias as influências recíprocas diversas”. (BORGES, 2010, p.10). Ainda sobre o assunto o autor, acrescenta que:

As representações do mundo social de uma realidade, tanto objetiva quanto subjetiva de um tempo e lugar, resultam do encruamento de aspectos individuais e coletivos. O literato então a partir daí não cria nada a partir do nada. Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história. (BORGES 2010, p.10).

Quando se faz uma pesquisa não deve atentar-se apenas ao documento, mas também analisar outros meios como, por exemplo, a sociedade em que ele foi feito, em comparação com a sociedade do momento atual. Nesse sentido, o autor destaca que:

A literatura seja ela expressa nos gêneros crônica, conto ou romance apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginando, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade. (BORGES 2010, p.15).

A literatura tem como objetivo trazer para o presente as características de diferentes épocas, da qual cada historiador retira informações que serão transmitidas aos seus leitores. Outro autor que discute a questão da literatura enquanto fonte para o trabalho histórico é Albuquerque Junior (2013) que nos lembra que desde os anos setenta do século passado, “a questão da proximidade entre a narrativa literária e narrativa historiográfica tornou-se motivo de acalorados debates”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.02). Segundo o autor, a interrogação feita pelo historiador Paul Veyne (1992), bem no início da década, de como a escrita abre uma discussão que não era comum ser feita pelos historiadores.

Em décadas anteriores os detalhes das análises da escrita da história ou operação historiográfica centravam naquela etapa em que “Certeau” chamava de disciplinar a dita operação, ou seja, as discussões se davam em torno de procedimentos, técnicas, metodologias, abordagens, e pressupostos teóricos”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.02). De acordo com autor em 1998,

É publicada a monumental obra do filósofo Paul Ricoer, “Tempo e Narrativa”, e a obra do crítico literário e semiólogo Roland Baethes, “O Rumor da língua”, que reúne em sua parte IV vários textos escritos pelo autor acerca da especificidade ou não do texto historiográfico e sua proximidade com o texto de literatura. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 04).

Percebe-se que para chegar ao texto literário foram escritos vários textos parecidos, filósofos e críticos literários se empenharam em escrever obras que se aproximavam da literatura. Ainda segundo ao autor essas:

Duas obras embora advoguem pontos de vistas diferentes sobre a questão, trazem para os historiadores o desafio de dialogarem com todos os desenvolvimentos que as filosofias da linguagem, a lingüística, a crítica literária, as semiologias haviam feito ao longo de século XX. (ALBUQUERQUE JUNIOR,2013, p. 04).

Ha uma análise de variados gêneros e obras, onde surgem oportunidades de diálogos, trazendo assim possibilidades novas para o historiador trabalhar suas fontes. Continuando o autor menciona que:

A historiografia que acompanha os modelos literários vigentes até pelo menos a emergência do simbolismo, do qual se pode dizer advém de obras consideradas quase marginais ao campo narrativo, como obras de autores como Jacob Burckardt e Johan Huizinga, parece ter passado ao largo de todos os desdobramentos que os vários momentos do modernismo trouxeram para a escrita literária. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.10)

Por conta da necessidade do surgimento de novos gêneros literários, pela consequente crise do romance e, também o distanciamento da literatura em seu tempo próprio ocorreram inovações referentes aos modelos literários, onde se pode chegar à compreensão de assuntos relacionados ao campo e a cidade com mais facilidade. Ainda de acordo com o mesmo autor:

A crise progressiva do romance modernista, a emergência de outros gêneros literários como a crônica e a escrita jornalística, distanciam os historiadores dos modelos literários de seu tempo, levando-os a retificarem dados modelos narrativos da literatura do século XX como sendo o modelo próprio e autônomo do gênero literário, levando-os a desconhecem sua proximidade com a literatura e, o que é mais grave, desconhecendo propriamente o que vem a ser literatura em seu tempo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.10)

Houve um período no século XX no qual com a crise do romance foi preciso que surgissem novos gêneros na literatura, com isso surge uma infinita discussão de variados autores cada um com suas características de trabalhar a literatura. Para o autor quando:

Usa e abusa do conceito genérico de literatura para estabelecer com ela um debate, os historiadores agem na contramão de uma das regras de ouro de seu ofício que é o pensar historicamente, que é o pensar no tempo de tudo aquilo que toma como objetivo a reflexão. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.10)

Continuando, o autor nos lembra que sempre que se vai discutir o tema da “relação entre a narrativa literária e a narrativa historiográfica é preciso situá-las no tempo, descrever e definir do que está se falando a que e a quem concretamente correspondem dadas designações”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.10).

Cada época tem suas características, por conta disso é necessário renovar os meios de trabalhar a literatura. Para Albuquerque Junior (2013) “a sociedade moderna é a sociedade que privilegia a mudança no tempo, enfatiza o caráter temporal e histórico das coisas” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.11) e acrescenta que:

A construção de uma história se desenrola em um dado cenário, com dados personagens, cujas ações, sensações, sentimentos e peripécias se desenrolam em um dado intervalo de tempo, que só podem ser conhecidas e compreendidas depois que uma dada trama se desenrola em um dado recorte temporal. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.11).

Pelo fato de cada tempo trazer suas características variadas, os historiadores devem atentar-se as formas de escritas que surgem. Para o autor a literatura tem se colocado como,

Tarefa à transgressão permanente de seus próprios pressupostos, de suas próprias regras o ultra passamento permanente de seus próprios cânones, enquanto a historiografia, embora venha também repensando e analisando criticamente sua escrita permanece presa a dados modelos narrativos dos quais o texto literário há muito se afastou. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.21).

Através das discussões dos autores mencionados percebem-se os caminhos que a literatura passou até chegar à época em que a obra *Expulsos de Campo* foi escrita em 1986 e, a partir das observações dos autores que será analisada como fonte a referida obra. Nesse sentido, o trabalho será organizado em dois capítulos. O primeiro terá como objetivo discutir a relação campo e cidade a partir da obra literária *Expulsos do campo* de Alcides J.R. da Silva, publicado em 1986. Já no segundo será inicialmente discutido os conceitos de ressentimentos, humilhação para em seguida compreender esses conceitos a partir da obra tomada como fonte para a pesquisa.

## **1 CAMPO E CIDADE: Meios Distintos Que se Complementam**

O presente capítulo tem como objetivo compreender a relação entre campo e cidade, uma vez que a proposta da pesquisa será discutir, a partir da obra literária *Expulsos de Campo* do autor Alcides R. J. da Silva, publicado em 1986, questões relacionadas a saída da família dos personagens do campo para a cidade.

### **1.1 Campo e Cidade na História**

Ao longo dos tempos as relações entre cidade e campo passaram por grandes transformações, e isso se deu segundo Vasconcelos (2013) devido “à intensificação da divisão de trabalho e a modernização do campo, têm contribuído para o surgimento de novas fórmulas e novos conteúdos”. (VASCONCELOS, 2013, p. 26)

Ainda segundo o autor, a cidade e o campo têm características próprias, “tanto em relação ao que é produzido, quanto ao conteúdo das relações sociais e culturais”. (VASCONCELOS, 2013, p. 26). Sendo assim, é preciso compreender um para entender o outro, mesmo com mínimas características em comum há uma ligação entre ambos, ou seja:

A relação cidade-campo, embora apresente semelhanças em diferentes contextos históricos e espaciais, em cada espaço e tempo, manifestam características únicas, que são resultados da convergência de fatores internos e externos. (VASCONCELOS, 2013, p. 26)

Tanto a cidade como o campo possuem suas próprias características, sendo assim para entendê-los é necessário compreender esses aspectos separadamente. Nesse sentido, segundo o autor para analisar a relação cidade-campo, “deve partir da compreensão do processo histórico, pois só através de seu entendimento pode esclarecer a realidade atual”. (VASCONCELOS, 2013, p.27).

Para Vasconcelos (2013) assim como o conhecimento, a realidade está em constante movimento, por isso é imprescindível retornar ao passado para compreender o período atual. (VASCONCELOS, 2013, p.27 *apud* LEFEBRE,1991, p.184), ou seja, o tempo

(identidades) não é estático, quando compreende-se um determinado instante é preciso continuar entendendo seu processo constantemente.

Para Vasconcelos (2013) a partir da divisão do trabalho é possível conhecer o papel que a cidade e o campo desempenharam ao longo do tempo histórico. Sendo assim “só é possível o reconhecimento da diferença e o exercício de reflexão sobre o rural e o urbano, sobre a cidade e o campo, em decorrência da divisão do trabalho”. (ENDLICH, 2013, p.27, *apud* VASCONCELOS, 2006, p11).

O modo do trabalho tanto do campo como da cidade são distintos, enquanto que o primeiro está voltado para a agricultura e pecuária, na cidade as pessoas trabalham nas fábricas, indústrias, serviços públicos e no comércio. Nesse sentido Vasconcelos (2013) nos lembra que:

Antes do surgimento da agricultura no período neolítico, havia apenas grupos organizados em forma de sociedade tribal, na qual não havia diferença entre a cidade e o campo, e a divisão de trabalho eram pouco desenvolvidos, pois se limitava a uma visão social entre membros da família e /ou da tribo. O povo alimentava-se da caça e da pesca da criação de animais ou, no máximo da agricultura. (MARX & ENGELS, 2013, p.27, *apud* VASCONCELOS, 2007, p.27)

Antes as formas de trabalho eram semelhantes, não se tinha ainda o meio urbano, e trabalho era feito em conjunto por determinado grupo de pessoas não se tinham ainda formas específicas de trabalho. Com o tempo isso foi mudando e de acordo com o autor

Com o posterior desenvolvimento das forças produtivas e a modificação das relações de produção, os povos primitivos não só passaram a produzir para a subsistência imediata, como também foi capaz de aumentar a produção originando um excedente alimentar. (VASCONCELOS, 2013, p.27)

Os meios econômicos foram crescendo com o desenrolar dos anos, e os modos de lidar com a economia também, começou a se criar uma divisão do trabalho, por conta do aumento da produção e da quantidade de trabalhadores estabelecidos nas indústrias. Ainda segundo o autor:

Para esse excedente alimentar possibilitou que as comunidades se fixassem em determinado local e que fossem desenvolvidas outras atividades relativas às funções administrativas, políticas, militares e a elaboração do conhecimento. (VASCONCELOS, 2013, p. 28).

Teve assim uma nova forma de se trabalhar, e nesse sentido, podem-se distinguir as diferenças tanto do meio rural como urbano, pois o que se desenvolve em um não é possível estabelecer em outro por conta de suas características. Percebe-se com isso que:

A partir de então, o desenvolvimento das forças produtivas provocou divisão territorial do trabalho e originou espaços diferenciados de produção: a cidade e o campo. Todavia nesse período, a cidade ainda não se mantinha com base numa dinâmica associada à mercantilização e ao processo de industrialização, por isso a produção do campo era preponderante. No entanto, quando passou a ser controlada pelo mercado e a dominar a produção a partir de indústrias, foi estabelecido como espaço privilegiado em relação ao campo. (VASCONCELOS, 2013, p.28)

Tanto o campo como a cidade buscaram meios de administrar os modos de trabalho. Mas, vale lembrar que “em determinados momentos, o campo demonstrou ser dominante, social, e em outros, a cidade assumiu este papel”. (VASCONCELOS, 2013, p.28).

O autor mostra como se deu o processo de urbanização, ao longo de diferentes períodos históricos, abordando como tal processo provocou modificações tanto na cidade quanto em sua relação ao campo. Sendo assim a cidade e o campo ao se relacionarem, mudaram algumas características. Assim propõe que se analisem, a partir de uma concepção global, três grandes épocas históricas: “a rural, a industrial e a urbana. Para compreender as modificações na relação entre cidade e campo, é necessário entender as épocas que compõem a história. (VASCONCELOS, 2013, p.28). Ainda segundo o autor:

Na rural, já se verificava uma visível divisão entre a cidade e o campo, entretanto nessa época, a cidade e o campo passaram por vários momentos diferentes: o primeiro, em que a cidade se caracterizava como política; o segundo quando houve uma retração da cidade e um amplo domínio do campo, e o terceiro, em que o comércio passou a ser uma função importante na cidade. (VASCONCELOS, 2013, p.28).

Com a população do campo indo para a cidade, ocorreu assim uma troca de costumes por conta de os dois meios serem diferentes. Mas mesmo assim ainda tinha se o contato da cidade e o campo. Na segunda época a industrial:

A troca e o comércio se intensificaram, devido ao aumento da produção artesanal e industrial, e, em contrapartida, a produção do campo perdeu importância. Tais aspectos provocaram o crescimento do êxodo rural e aumentou a concentração populacional das cidades, por isso, a cidade industrial caracterizou-se por uma intensa expansão sobre o campo. (VASCONCELOS, 2013, p.29)



Ocorreram mudanças na área econômica, novas formas de comércio foram surgindo nas cidades tornando-a mais intensa, onde estava infiltrado tanto o artesanato, como as indústrias. Já a terceira época urbana segundo o autor:

Corresponde à atual, resultante da implosão – explosão da cidade e em que as relações de produção se modificaram, todavia, ainda não foram totalmente transformadas. O que caracteriza cada unidade espacial (a cidade e o campo) permanece, mas a relação entre ambas se transforma, e as formas espaciais se mesclam surgindo novos conteúdos entre elas. O modo capitalista explora ao máximo o que está disponível, por isso que aparecem cada vez mais “novas” atividades econômicas, como a agroindústria e o turismo, que misturam aspectos do campo e da cidade. (VASCONCELOS, 2013, p.29)

Os dois meios se viram juntamente ligados, pois o rural precisava dos produtos da cidade, e a cidade dos produtos do campo, acontecendo assim uma mistura comercial. Percebe-se que para Medeiros (2013) com o processo de migração campo-cidade, houve o crescimento desordenado das cidades e a formação de extensas periferias urbanas e como consequências desses processos de expansão urbana o autor acrescenta que:

Do maior desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação e da incorporação da ciência, da tecnologia e da informação em parte do setor agropecuário nacional, o espaço rural tendeu a apresentar maior complexidade e heterogeneidade em termos da sua organização socioeconômica, das relações sociais e, sobretudo, dos agentes, sujeitos que o compõem. (MEDEIROS, 2013, p.105)

Com o passar do tempo as mudanças foram cada vez maiores, e as formas de lidar com as atividades foram se modificando como ressalta o mesmo autor “as relações estabelecidas entre campo e cidade possuem uma amplitude cada vez maior e devem ser pensadas na totalidade que as integra em termos de estrutura, função, forma, conteúdo e articulação regional”. (MEDEIROS, 2013, p.106)

Sendo assim chega-se a conclusão que tanto o campo como a cidade, mesmo estando próximos em algumas características, possui em si próprios, raízes distintas e que mesmo passando a cada dia por novas modificações são caracterizadas e identificadas por suas origens.

Percebe-se assim que a história tanto do campo, como da cidade não muda, o que acontece são modificações em suas características, como a sociedade administra cada uma. Na obra *Expulsos de Campo* é possível perceber a relação campo e cidade e as características de

cada ambiente, através da mudança de hábito dos personagens de um local para outro como será discutido a seguir.

## 1.2 Campo e Cidade na Obra *Expulsos de Campo*

Nesse subtítulo, será discutida a relação campo e cidade a partir da obra *Expulsos de Campo* de Alcides R.J. da Silva (1988). Os principais personagens da obra são Juraci era um garoto humilde e que amava o campo, o lugar em que vivia, as atividades que fazia juntamente com seus amigos como pescar, o sentir o cheiro dos frutos das árvores carregadas de frutos, e a tranquilidade do lugar. Juraci era determinado e sempre ajudava seu pai com os afazeres no campo, vivia apenas ele e o pai, pois sua mãe Cida havia falecido por conta de doença de Chagas, sua irmã Dorinha havia casado e, o irmão mais velho tinha mudado. Seu pai Vicente era um simples homem do campo, trabalhador esforçado, empregado em uma fazenda, levantava logo cedo e ia para a roça, capinava, arava o terreno, batia veneno para matar as pragas e colhia a plantação. Tiveram que se mudar, pois as terras que eles estavam seriam ocupadas por outra economia como a plantação de capim para a criação de gado, assim a renda do fazendeiro aumentaria.

- A gente precisa ir embora daqui.
  - Ir embora da fazenda! Por que, pai?
  - Encontrei com seu Jair na vila. Ele vai precisar das terras e da casa.
  - Mas como precisar das terras? Ele já tem muito!
  - Ele quer plantar capim e criar gado também aqui, nesta parte da fazenda dele!
  - Mais ele pode tirar o senhor da fazenda? O Senhor mora aqui faz muito tempo! O Senhor...
  - Ele pode tirar a gente daqui sim. A terra é dele e pobre não tem vez, meu filho!
- (SILVA, p. 07, 1988).

Na obra percebe-se a presença do homem do campo e seus meios de trabalho como o cuidar do plantio em roças, capinando, roçando, etc. Mas com o passar do tempo, é necessário a busca de uma nova adaptação na cidade por falta de emprego no campo, foi preciso buscar outros meios de trabalho, como em pequenas empreitadas no campo, porem já morando na cidade, o trabalho em comércio de feiras como o ajudar no descarregamento de caminhões, o montarem e o desmontar das barracas, o de porteiro-vigia em prédios de apartamentos, etc.

Observa-se na obra a visível relação do campo e da cidade, e o contato entre os dois meios, semelhanças essas como no modo de trabalhar, pois mesmo na pequena cidade os personagens tinham que trabalhar em roças vizinhas e através disso é possível observar a complementação de um meio com o outro e as mudanças que fazem parte dos dois ambientes como o local de cada um. No campo a vida era mais tranquila, tinha-se o vento suave das árvores, o canto dos pássaros, as frutas frescas colhidas diretamente das árvores, enquanto na cidade o ambiente é mais fechado por não conter muitas árvores trazendo ventos frescos, têm mais poluição, o barulho dos carros, etc. Tanto no campo como na cidade são visíveis as dificuldades no modo de trabalho, como a falta de emprego, e a busca de melhorias para a sobrevivência do dia-a-dia

Percebe-se na obra também a diferença dos dois meios como, por exemplo, o ambiente escolar, onde um é mais simples, pois os alunos não se importam tanto em questão da vestimenta, porque no campo as pessoas costumam vestir-se de forma mais simples como, por exemplo: botinas, roupas remendadas, já no urbano o modo de se vestir muda, as pessoas por estarem próximas a lojas compram sempre roupas mais novas, bem passadas e utilizam estilos diferentes de sapatos. Alguns alunos iam a pé para a escola e, outros no transporte escolar; percebe-se também, a dificuldade de adaptação do personagem que morava no campo em relação aos alunos da cidade, pois de início não se tem uma aceitação, há um estranhamento dos alunos da cidade ao ver as vestimentas do personagem do campo. Mesmo com a não aceitação Juraci se comporta de forma branda e com isso faz novas amizades.

No meio rural observa-se a tranquilidade, onde os personagens se sentiam mais à vontade. Um ambiente composto pela paz, onde os mesmos entravam em contato com a natureza e, tinham o hábito do pescar, usavam roupas simples como chapéu de palha, remendos, e nesse ambiente se sentiam felizes.

O menino conhecia e amava aquele lugar, havia dificuldades na roça, mas ele sabia dominá-los assim como havia dominado o trairão. O menino sentou-se num banco de madeira e começou a se deliciar com um pedaço de peixe. (SILVA, 1988, p.05-06)

No campo os personagens também passavam por alguns problemas como, por exemplo, o cansaço do trabalho pesado, mas se sentiam bem e o garoto Juraci tinha muitos amigos que o acompanhava na pesca, nos jogos de futebol. A rotina na cidade e no campo tem certa semelhança, pois tanto em um como no outro era necessário estudar e trabalhar para a sobrevivência.

E amanhã haveria aula na escolinha rural e trabalho na roça à tarde. Os carros pararam a porta da escola, congestionando a rua. Do ônibus escolar desceram crianças alegres e bem arrumadas, misturando-se com aquelas que chegavam a pé. Juraci estava indeciso, estudou o ambiente e decidiu acompanhar a corrente tagarela que se comprimia no portão de entrada. (SILVA, 1988, p. 50).

O personagem ao se infiltrar no ambiente urbano percebe algumas mudanças em referência ao meio rural sobre a questão escolar, o modo de organização e, até mesmo o de vestir vê-se a diferença. Com as transformações que iam ocorrendo no campo em relação a escassez de trabalho, o homem do campo teve que se adaptar com as novas mudanças na cidade, no início senhor Vicente viu a movimentação das pessoas, escadas rolantes e o metrô achou tudo estranho“ – Nunca vi bicho mais complicado que esse tal de metrô. Ave Maria!” (SILVA, 1988, p. 47). Teve dificuldades para encontrar trabalho, pois onde procurava já não tinha mais vagas, após tanta procura consegue uma vaga como porteiro de um prédio. Com o passar do tempo e muito trabalho, senhor Vicente

Conseguiu comprar uma pequena casa de pau-a-pique na periferia da cidade. Ficava numa região baixa, entre duas ruas que começavam no centro e, atravessando toda a cidade, se encontravam na saída para outro município. Era um refúgio das pessoas que saíam da roça para morar na zona urbana. O lugar era chamado de Forquilha por uns e de Baixada por outros. Seus moradores geralmente eram bóias frias. Homens, mulheres e crianças que trabalhavam na colheita de algodão ou de café, cortando cana ou apanhando laranja. (SILVA, 1988, p.11).

Mesmo já em uma pequena cidade percebe-se que os personagens faziam serviços na roça, mas agora não mais com estadias no campo, apenas trabalho por empreitadas. A cidade era pequena, mais a obra literária explicita algumas diferenças, como o modo de viver das pessoas, e mostra também a dificuldade dos personagens ao se adaptar ao novo meio.

Embora a cidade de Palestina fosse pequena, tudo lhe parecia grande e diferente. No primeiro dia de aula, foi motivo de pilhéria. Era examinado de cima a baixo. Centenas de crianças alegres e bem vestidas e ele com a camisa desenhada de remendo nas costas e a botina furada, mostrando o dedão do pé. (SILVA, 1988, p.12).

A adaptação do homem do campo como mostra a obra não é fácil, pois é retratada a dificuldade dos habitantes da cidade em aceitar os costumes das pessoas vindas do campo, na escola, por exemplo, quando o personagem mostra seu jeito de ser, os alunos apresentam estranheza, não aceitando assim o diferente.

No recreio procurou fazer amizades. Aproximou de um grupo de meninos que conversavam animadamente. Abriu um grande sorriso e se apresentou:

-Oi, meu nome é Juraci, mas todos me chamam de Jura...

Silêncio

-Posso conversar com vocês?

Sentiu que estava sendo rejeitado pelo grupo. Um garoto loiro e alto, de ar petulante, olhou suas roupas e falou com desprezo:

-De onde apareceu esta assombração?!

Explosão de gargalhadas.

- Não sou lobisomem. Tenho nome.

-Ah, sim, é o caipira Jeca tatu. (SILVA, 1988, p.12)

Mas não se pode caracterizar essa não aceitação de forma geral, pois muitas vezes há sim o respeito tanto do modo de viver do meio rural como o urbano, alguns dos novos colegas de Juraci aceitaram suas origens, e o convidou a serem amigos. O mesmo se pode dizer de Juraci que em um ambiente distinto do seu, se esforçou para acostumar com o local.

Do agrupamento destacou-se uma menina loira, de olhos vivos. Era da classe de Juraci. Ela pôs as mãos na cintura e disse para o garoto que ofendia o novato:

- Mário, deixe o nosso colega em paz! Ele apenas quer fazer amizade. Você está sempre implicando com os outros!

E pegando a mão de Jura:

- Venha vou lhe mostrar nossa sala e lhe apresentar outros colegas. (SILVA, 1988, p.12, 13)

Tanto o campo, como a cidade possuem características próprias que os ambientes possibilitam, onde a relação entre ambos está no cotidiano, mesmo com tarefas distintas, nos dois meios são necessários o estudo e o trabalho para a sobrevivência. Onde um é composto pelo cantar dos pássaros, e o vento puro das árvores, e o outro com o barulho dos carros e a movimentação das pessoas, cada qual trazendo em si marcas de profundos sentimentos. Nota-se assim certa idealização da imagem do sertão.

## **2. EXPULSOS DO CAMPO: Ressentidos e Humilhados**

O presente capítulo tem como objetivo discutir os conceitos de ressentimentos e humilhação para em seguida compreender como que esses sentimentos aparecem na obra tomada como fonte para a pesquisa.

### **2.1 Desafios na Cidade**

Lembrando que o tema do trabalho é *Varridos do Sertão: Memórias, (Res)Sentimentos e Humilhação* (1980), torna-se importante discutir tais conceitos. Nesse sentido recorre-se inicialmente a leitura de Fernandes (2015) que em seu livro propõe:

Discutir a chamada “Revolução” de 1930 em Goiás, mais especificamente os embates políticos, as imagens construídas e reconstruídas por Pedro Ludovico Teixeira e a atribuição dessas imagens aos sujeitos envolvidos nesse movimento, como a família Caiado, especialmente a Antônio (Totó) Ramos Caiado e o próprio Pedro Ludovico Teixeira, a partir dos conceitos memórias e sentimentos (ressentimentos, silêncios, esquecimentos, humilhação). (FERNANDES, 2015, p. 04).

A autora leva em consideração que “todos os documentos são formas de discurso ou pronunciamento e que os sujeitos são constituídos por eles, que, por sua vez, constituem o próprio objeto, dando a ele nome, conceituação, versões, inteligibilidade, verdades”. (FERNANDES, 2015, p.16).

Através dos documentos históricos torna-se possível perceber sentimentos dos personagens de determinada época, criam e recriam personagens contextualizando-os para melhor entendimento de quem os interpretam. Nesse sentido, segundo a autora “somente ao expressar suas ideias, pensamentos, emoções, desejos, afetos, posições políticas [...] é que o emissor vai adquirindo uma dada identidade de sujeito”. (FERNANDES, 2015, p. 16).

A partir das considerações da autora, pode-se pensar a obra *Expulsos de campo* (SILVA, 1986) a partir dos sentimentos dos personagens ao saírem do campo e irem para a cidade, o sentimento da saudade, da tristeza, entre outros, mostrando que documentos não transmitem apenas uma história em si, mais neles são infiltradas emoções para melhor

compreensão da história. O historiador ao analisar uma obra literária deve estar atento a cada detalhe, inclusive no fato de ocorrer sentimento ou não.

Para a autora tudo que o historiador faz “é análise do discurso, pois, análise documental é uma forma de análise de discurso”. (FERNANDES, 2015, p.16) e o ressentimento pode ser entendido conforme Fernandes (2015) “como um sentimento duradouro e não passageiro”. (FERNANDES, 2015, p.61). Assim, “o ressentimento não se apresenta apenas como uma situação de impotência, mas como uma forma de manifestação”. (FERNANDES, 2015, p.51). Discutindo a questão das memórias e dos sentimentos, a autora destaca que:

A memória dos fatos é diferente da memória dos sentimentos, e esses sentimentos estão atrelados aos fatos, isto é, à memória dos sentimentos das pessoas envolvidas nesses fatos. Narrar um fato é muito diferente de reconstruir a memória dos sentimentos de quem o viveu. (FERNANDES, 2015, p.60).

Ainda em relação à discussão sobre a memória Campello (2008), diz que a memória só existe ligada ao esquecimento que é uma força ativa, sendo assim “o esquecimento terá um papel ativo, criativo alinhado a memória”. (CAMPELLO, 2008, p.49). Ainda segundo a autora o indivíduo precisa da memória para seu convívio social, para sua sobrevivência, “mas é essencial para sua saúde, para sua alegria, e para renovação de suas energias mentais”. (CAMPELLO, 2008, p.49).

Para que haja novamente lugar para o novo, “para zelar pelo equilíbrio psíquico, que não pode absorver exageradamente lembranças, é preciso eliminar excessos da memória, deixar de lado lembranças sobrecarregadas”. (CAMPELLO, 2008, p.49) Ainda, de acordo com a autora, “aquele que não pode esquecer e que fica sempre preso no passado, pode ser comparado a um dispéptico que nada consegue dar conta”. (CAMPELLO, 2008, p.49).

Percebe-se assim que o homem do campo como o que vive na cidade traz suas características, suas formas de lembrar o lugar, memórias, e seus conhecimentos do local habitado. Cada qual no seu lugar aprendendo com a vida, e vivendo com as circunstâncias que ela propõe. O conhecimento é construído assim de acordo com o que a pessoa passa, o meio de convívio se torna essencial na construção da sabedoria de indivíduo. Nesse sentido Alencar (2012) nos lembra que “o conhecimento é aquele que lhe deu a escola da vida - conhece mezinhas de casa e do mato, sabe das simpatias que garantem o amor da mulher ou a cura do animal de estimação”. (ALENCAR2012, p. 101)

A memória serve de certa maneira para a construção do conhecimento, momentos passados se tornam conseqüentemente lembrados, trazendo consigo experiências, o dia-a-dia e

assim o reflexo do passado. Quando percebe um distanciamento do meio que se está acostumado, o indivíduo começa a reviver momentos passados, vindos de encontro com o presente em que está inserido. Sobre essa questão Cunha (2006) enfatiza que:

Trata-se de pensar a memória como um local de cruzamento de experiências e expectativas, de passado e futuro, de vigília e sonho; procurando uma aproximação com a capacidade inventiva/ escolha do indivíduo em sociedade, no todo relacional. O espaço de possibilidades inventivas do sujeito que lembra (produção de sentidos) e o lócus de recepção possível (recepção de sentidos) será concebido nesta relação. (CUNHA, 2006, p. 39).

Finalizando, Cunha (2006) nos lembra que “qualquer memória, seja individual ou coletiva, irá irremediavelmente lidar com o contínuo e o descontínuo, vitórias e derrotas, força e fraqueza, virtudes e defeitos” (CUNHA, 2006, p.12) e, a obra tomada como fonte para a presente pesquisa retrata essas questões sentimentos enfrentados pela família ao ser expulsa do campo e passar a enfrentar a vida na cidade, como será discutido a seguir.

## 2.2. Cidade: Desafios e Superações

Na obra *Expulsos de Campo* de Alcides R.J da Silva (1988) são visíveis os (res) sentimentos, humilhações e emoções dos personagens, como por exemplo, quando o garoto Juraci demonstra a saudade da mãe, sempre a relembrando.

Lá fora, as sombras de um jardim abandonado. Que saudade da mãe! Dona Cida morrera de doença de chagas. Sempre sonhava com ela. Acordava à noite, chamando-a pelo nome. O pai repreendia-o: que dormisse mais um pouco! (SILVA, 1988, p.5)

Quando o personagem Vicente percebe que terá que se mudar do lugar que tanto ama lhe sobrevém sentimentos de angústia e profunda tristeza. Sentimentos que acompanham muitas pessoas que se vêm longe da terra natal, da convivência com pessoas queridas, das atividades do dia-a-dia no campo, da vida do sertão.

\_ Juraci, preciso falar uma coisa séria com você. O menino estranhou a rispidez e a tristeza do pai. Disse-lhe que podia falar que ele estava ouvindo.  
\_ A gente precisa ir embora daqui. Angustiado, pensou em tudo de que gostava: o rio, os animais, as frutas do mato... (SILVA, 1988, p.07)



Percebe-se através da obra uma grande mudança na vida dos personagens que veem tudo ficar diferente, o sonho que a mãe de Juraci Dona Cida tinha de permanecer no campo trazia o sentimento de tristeza de um desejo que não seria realizado, pois mesmo não estando mais viva seu filho e esposo poderia concretizar. Mas através das circunstâncias não foi possível.

Naquela noite não dormiu bem. Seus sonhos transformavam-se em pesadelos. Os bolinhos de polvilho viraram formigas. Cheiro de araticum maduro caído debaixo das folhas do arbusto. O menino corre livre pela verde margem do rio. O cheiro cada vez mais próximo. Árvores carregadas de marmelos, gabiobas e pitangas. De repente tudo desaparece, como por encanto. Calor insuportável vira-se na cama. Está pescando e fiska um peixe que vira cobra! Acorda e senta-se à beira da cama. O pai dorme, roncando. Levanta-se com cuidado para não acordá-lo. (SILVA, 1988, p.08)

É constante ocorrer com muitas pessoas grandes mudanças na vida como ocorreu na obra de *Expulsos de Campo*, e quando isso acontece é normal passar pela cabeça lembranças tanto negativas como positivas das coisas que a pessoa vivenciou.

Lá fora, no quintal, o céu está límpido e estrelado. Cheiro de capim verde e a cantoria dos grilos. Jura vira-se para o lado do cemitério da vila, invisível àquela hora. Lá dona Cida repousa sobe um monte de terra vermelha. Há uma Cruzinha branca [...] uma estrela cadente risca o céu e o menino chora em silêncio. (SILVA, 1988, p.08)

Ao se despedirem do lugar amado os personagens percebem que ficarão apenas lembranças de uma boa fase de suas vidas, trazendo tristeza por deixar àquele lugar acompanhado de sinceras recordações que jamais serão esquecidas.

À tarde, depois da pinguinha e da comida, os adultos estavam conversadores e felizes, mas Juraci despediu-se de Pezão e de outros amigos com imensa tristeza. Sabia que estava encerrada uma boa fase de sua vida. Juraci arrepiou-se quando, pela primeira vez, ouviu aquele som tão familiar. Seu pai puxou a velha porta de madeira sem pintura e trancou-a. (SILVA, 1988, p.10).

Quando se têm a necessidade de mudar do lugar que se conviveu por muitos anos, não são deixados bens materiais, mas lembranças e sentimentos do tempo que esteve lá. Nem sempre o material é mais importante que o sentimental, pois um acaba, enquanto outro é regado vezes por vezes nos pensamentos.

- Espere pai!

- O quê? Esqueceu alguma coisa lá dentro?

Não, ele não se esquecera de nenhum objeto. Seus pertences já estavam na carreta do trator que já estava com o motor funcionando. Muitas coisas, porém, ficaram naquela casinha cercada de laranjeiras e de flores: a lembrança da mãe, o carinho do pai e da irmã. Dias felizes e despreocupados. (SILVA, 1988, p.10).

Mudanças nem sempre são fáceis, mas as circunstâncias na vida muda e vê se é necessário elas ocorrerem, para a procura de melhorias. Na pequena cidade de Palestina, onde seu Vicente e Juraci se mudaram após saírem do campo, as condições já não eram das melhores por circunstâncias de trabalho relacionadas à saúde de Vicente.

- Juraci, eu não estou aguentando mais esta vida. O meu serviço não rende mais como antigamente. O dinheiro que ganho mal dá para comprar comida. E a saúde não ajuda mais: a perna incha, as veias estufam. Sinto tontura o dia inteiro. O menino emocionou. À sua memória, vinha a imagem daquele homem forte e corajoso, enfrentando a roça com chuva ou com sol, derrubando enormes vacas para vacinar. As imagens de sua recordação mostravam um pai enorme e cheio de vitalidade. Mas à sua frente, cansado, Vicente esperava que ele falasse alguma coisa. (SILVA, 1988, p.41).

A vida é feita de constantes mudanças, as saudades do tempo em que se habita em determinado local, às vezes, fica apenas na memória de quem a viveu, como é explícito na obra *Expulsos de Campo* quando o sobrinho de seu Vicente relembra de sua vida anterior.

Lá vocês sentiam-se tão bem! Como tenho saudades de nossas pescarias! Todo fim de ano penso em ir ao interior, mas me faltam tempo e dinheiro. Ainda mais agora com três crianças e Maria esperando outro para o ano. (SILVA, 1988, p. 40).

A procura pela sobrevivência, o trabalho, a mera rotina do dia-a-dia, na maioria das vezes, impede a pessoa sentir o que sentia, nem que seja só para visitar o lugar que lhe transmitia reviver boas lembranças, já que o passado não é possível ser vivido. Apenas a memória tem a capacidade de fazer voltar no tempo, despertando assim sentimentos. Sentimentos de tristeza veem nos amigos que ficaram por conta do tempo que se esteve junto com Juraci. Sentimentos bons ou ruins são visíveis, na hora da partida, o da saudade, e o do afeto andam juntos com a emoção.

Quando a festa terminou, todos ficaram tristes. Juraci e seu pai viajarão no dia seguinte, às seis horas. Despediram-se emocionados.  
Na saída, Catarina aproximou-se do amigo e lhe disse:  
\_ Fique, Jurinha!  
\_ Não posso, Cata. Tenho que acompanhar o meu pai.

\_ Então escreva pra mim! Vou passar todo dia no correio... sabe ... eu...eu  
 O resto do grupo aproximava-se da dupla. O gozador Pé de Pato já preparava uma piada quando a menina, repentinamente, soltou a mão de Juraci e saiu correndo para não mostrar que estava chorando. (SILVA, 1988, p.43).

Todos os instantes são como o vento que está sujeito a mudar de direção, onde a rotina em que está acostumado a viver ocorre mudanças e, compreende-se assim que a vida é cheia de surpresas, vê se necessário obter uma adaptação das novas circunstâncias, como por exemplo, Jura e seu pai teve que se adaptar a cidade, por não estarem acostumados com esse ambiente houve dificuldades, o lugar de origem vai sendo deixado para trás, para chegar a um novo, ao amanhecer:

No outro dia, quando o sol despontava, o ônibus partiu em direção a rodovia. Pelo vidro traseiro, Jura deslumbrou ao longe um grupo que abanava as mãos. O ônibus contornou o balão e entrou na rodovia. O motorista aumentou a velocidade e, aos poucos, o menino apenas via a torre cinzenta da igreja sendo engolida pelo verde das matas e dos pastos de longe... (SILVA, 1988, p.43)

Na partida há se o encontro ao diferente, o ambiente muda. São deixadas para traz coisas queridas, e é necessário se acostumar com as propostas que a vida encarrega de trazer. Características distintas preenchem o novo cenário, onde os sentimentos de estranheza são percebidos, ou seja,

Pela janela viu uma paisagem desconhecida que parecia correr desesperadamente em sentido contrário ao do trem. Um cheiro estranho e desagradável agrediu suas narinas. Juraci começou a se recordar. Saíram de Palestina no dia anterior, de manhã, deixando para trás muitas coisas queridas. Quando embarcou, ele percebeu que sua vida mudaria para sempre. (SILVA, 1988, p. 44)

Percebe-se que o ambiente da cidade é diferente do que o do campo. No campo contém muitos animais e pássaros, Jura tinha um passarinho e por ele tinha muito amor, nota-se que o meio em que se está e suas características são repletos de sentimentos de quem se relaciona com o local habitado. Na ida para a cidade Juraci levou seu bichinho de estimação, pois o animal tinha muito afeto para com ele.

O menino tinha cuidado com uma coisa envolvida num pano branco. Era a gaiola. De Neginho, seu pássaro preto de estimação, que podia até ser solto que não ia embora. Havia sido criado com amor e cantava como ninguém. Que sufoco trazê-lo escondido! Durante a viagem, o menino souo frio de medo de o passarinho cantar e ser expulso do trem. Mas o bichinho fez toda viagem em silêncio. (SILVA, 1988, p.46)

Na partida para a cidade foi levado também além do animal a saudade do campo. Como por exemplo, o modo de se divertir com amigos, quando vê se necessário a partida, e a adaptação em novo local percebem-se a lembrança daquele tempo distante, pois “O menino sentia uma falta imensa de sua turma de Palestina. Risos, brincadeiras, e tantas coisas interessantes para fazer!” (SILVA, 1988, p.48)

Muitas vezes, um ambiente traz mais liberdade do que o outro, e quando se muda de um local para outro é visível passar pela cabeça comparações de locais, Jura ao se instalar na cidade lembrava sempre de onde veio.

Instalaram-se no barraco que ficou atravancado com as coisas dele. Juraci olhou para o pai e lembrou-se de sua vida na imensidão da fazenda. Era um homem livre e solto no verde sem fim dos pastos e das plantações. E agora estava num cinzento barraco, de poucos metros quadrados. Mesmo assim Vicente parecia feliz. Não dependia de ninguém. (SILVA, 1988, p.49)

Seu Vicente no campo se sentia livre, já na cidade percebe-se certo aprisionamento, mais se sentia de certa forma bem por não estar dependendo de ninguém, pois o depender de alguém pode trazer sentimento ruim. Sentimentos de humilhação podem surgir no novo ambiente, por conta de um não ser iguais ao outro, como Jura não estava acostumado com a cidade grande e os modos de se vestir, se viu diferente quando a professora chama sua atenção a roupa.

\_ E procure vir à escola trajado descentemente. Aqui não é clube de maltrapilhos. Exijo roupas limpas e passadas, sapatos engraxados e nada de tênis fedorentos. Juraci sentiu-se humilhado. Em silêncio abaixou os olhos. Arrasado! (SILVA, 1988, p. 52)

Como na cidade há certas regras de vestimenta, logo no primeiro dia de aula Juraci foi questionado pela professora por essa característica, sendo assim Juraci sentiu-se mal, e sua colega o ajudou a animar. Nem sempre todas as pessoas do local novo serão iguais, às vezes há a receptividade, a aceitação levando o outro a se sentir bem, como se pode perceber que:

Quando foram dispensados, o menino recebeu a solidariedade de alguns colegas. Claudilene, a menina das pernas que não cabiam debaixo da carteira, foi a mais gentil. Com um belo sorriso, procurou-o e conversou animadamente. (SILVA, 1988, p. 52)

Sentimentos de bondade sempre serão importantes para aqueles que querem se adequar ao novo modo de vida. Mais nem sempre o peso das más palavras são esquecidas por

quem as recebeu; como nota-se na fala de Jura ao destacar que “levava na alma, entretanto, a dor da humilhação que sofrera na classe.” (SILVA, 1988, p.53). Talvez por não estar de acordo com o que o ambiente exige, não quer dizer que o local se torne ruim “ São Paulo era uma boa cidade, só bastava conhecê-la”. (SILVA, 1988, p.58).

Deve ter em mente que a adaptação é necessária, mesmo que complicada. O passado por já ser formado, não podendo voltar mais; pode trazer apenas recordações, por muitas vezes seu Vicente relembrava o passado no sertão através de músicas sertanejas, tocadas em seu rádio a pilha que levava para a cidade e sobre esse assunto Silva (1988) ressalta que seu Vicente

Ligava o rádio a pilhas para ouvir músicas sertanejas que falavam quase sempre de um amor perdido, da solidão e da saudade de um passado que não volta nunca mais... lavava-se, preparava a comida e fazia a sua marmitta. (SILVA, 1988, p.61).

Na cidade grande há uma luta pela sobrevivência assim como no interior, onde as pessoas tentam buscar formas de se divertir, e ao mesmo tempo buscar um meio para o sustento, pois “aprende a conviver com aquela massa humana que frequentava as feiras da periferia. Maioria pobre, alegre e irreverente. Rindo da falta de dinheiro e se improvisando para viver”. (SILVA, 1988, p. 64-65)

Algumas pessoas têm mais dificuldade para superar as adversidades que a vida impõe, enquanto que outras enfrentam as mudanças ou os problemas cotidianos de forma fácil, mas os sentimentos surgem de acordo com as circunstâncias que o dia-a-dia traz. Nesse sentido, seu Vicente por demorar muito conseguir emprego

Após duas malogradas semanas, Vicente desistiu da procura e ficou doente. Passava o dia todo no quarto. Abatido, suas mãos tremiam como galhos secos agitados pelo vento. Jura desconfiou que a doença do pai não se curasse com remédios. (SILVA, 1988, p.67)

A falta de emprego causou muita tristeza em seu Vicente que começou a ficar doente, deu depressão nele, uma doença que infelizmente não melhorava com remédios. Jura vendo seu pai mal; desconcentrava até mesmo na escola, pois amando seu pai sentia ruim vendo-o sofrer, como se pode perceber a partir da citação a seguir:

A vida do menino se desorganizava cada vez mais. Não comia direito e, num dia em que apareceu com a roupa amarrotada na escola, foi duramente advertido pela professora. Não se concentrava nas explicações. Lembrava-se do pai delirando que

não queria ser despejado do barraco, que não queria ser expulso de casa, que não queria a ajuda de ninguém. (SILVA, 1988, p.67).

Juraci mesmo triste fez esforços para ajudar seu pai. Jura decidiu que iria trabalhar mais um dia da semana. Nas quartas-feiras não iria à escola. “Depois copiaria à matéria de Claudilene”. (SILVA, 1988, p.67). A amiga de Jura sempre o apoiava se ofereceu para estudar junto a ele em sua casa, pelo fato dele trabalhar e faltar aulas.

Você poderá copiar a matéria e estudaremos para as avaliações do bimestre.

- Eu não sei.

Claudilene pegou a mão de Jura, suplicando-lhe:

- Vamos estudar juntos, Jurinha, por favor!

Finalmente aceitou:

- Está bem. A que hora posso ir a sua casa?

- Que ótimo! Pode ir às duas horas da tarde?

- Tudo bem pode ser. (SILVA, 1988, p. 69)

Muitas vezes é necessário buscar um tipo de ocupação para preencher a mente, pois sentimentos de tristeza, de lembranças do passado sempre podem surgir, e ocupando a mente com outras atividades podem ser de grande ajuda. Jura viu que seu pai continuava abatido, e que a solução seria seu Vicente ocupar a mente com alguma coisa.

O pai continuava abatido, ora deitado no beliche, ora andando em silêncio pela estreita faixa de terra do barraco. O menino sabia que Vicente tinha que arranjar alguma ocupação para sair daquele estado depressivo. (SILVA, 1988, p.69).

O sentimento da saudade costuma muitas vezes trazer sofrimento, características existentes do lugar amado pode muitas vezes trazer calma e tranquilidade. Ouvir o canto do passarinho era essencial para seu Vicente sair daquela depressão, pois lhe trazia boas recordações da terra que amava.

A única coisa que o tirava daquela prisão sem grades era o canto do pássaro-preto. O pai passava horas sentado em frente da gaiola para ver e ouvir aquele outro prisioneiro da vida, que também havia sido expulso da terra que amava. (SILVA, 1988, p.69).

Quando a mudança é necessária a pessoa se sente presa, sem liberdade no novo local, o sonho muitas vezes de ter um local que se gosta, é composto de emoções, pequenas palavras mesmo que sem intenção traz as recordações e sentimentos de uma época distante que

dificilmente, ou talvez nunca possa voltar a acontecer, o que resta é concordar com o que a vida propôs. A fala do padre na Igreja fez seu Vicente lembrar do campo que tanto amava, e se emocionou muito.

Na missa da igreja do bairro, depois de cantos e orações, um jovem padre falou aos fiéis:

- “Deus destinou a terra com tudo que ela contém para uso de todos os homens e povos “TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS!”(Grifo da autora) E o pai se emocionara tanto naquele dia! O sono foi chegando. Penetrando cheiro de plantas e terra molhadas pela chuva. Seu pai e sua mãe, abraçados, encharcavam-se debaixo de forte aguaceiro. Finalmente no sítio com que tanto sonharam. (SILVA, 1988, p.70).

Sonhos, na maioria das vezes trazem ainda mais recordações, tanto mais quando no novo local não se tem uma aceitação do outro, uma simples palavra pode trazer inúmeros pensamentos de características passadas, pode trazer sentimentos de humilhação, como se pode notar no diálogo entre a professora e o menino Juraci:

Desculpa professora eu não queria causar essa confusão toda. Posso explicar para a senhora...

- Explicar o quê?! Não há explicação, SEU VAGABUNDO! (Grifo da autora)

O menino empalideceu. Vieram-lhe à memória os sacrifícios de sua vida: a roupa, a comida do pai, os sapatos engraxados, o trabalho na feira. Humilhação. (SILVA, 1988, p.72-73).

Nem todas as pessoas são iguais no modo de tratar as outras, e a ofensa podem trazer sentimentos de tristeza, Juraci ficou muito humilhado na forma de ser tratado pela professora, que se recusou a aceitar ele como era, percebe-se que Juraci foi julgado pela roupa que vestia, causando assim discriminação por parte da professora. E por conta de não ser conhecido na nova escola Juraci foi injustamente culpado por se defender da professora. “- Você me paga, seu marginal! O menino apenas se defendera do golpe, mas ficou triste. Abalara-se com o que havia acontecido. Lembrou-se de sua mãe, sempre alegre e amiga e que nunca lhe batera”. (SILVA, 1988, p. 73).

As lembranças de sua mãe vieram, que ao contrário da professora sempre o tratou bem, e ao mesmo tempo observando aquela situação de desprezo por conta da professora ficou abatido. A falta de emprego, o modo de vida, entre outros fatores podem trazer sentimentos ruins as pessoas, percebe-se que assim que seu Vicente foi para São Paulo, tendo que suportar um novo ambiente, contendo ainda a falta de emprego, acarretou-lhe o desinteresse de continuar a viver. A depressão costuma trazer desânimo, juntamente com a estafa que é esgotamento total,

tanto sentimental como a pressão acarretada da vida. Por ter ocorrido à discussão de Juraci com a professora seu Vicente foi chamado na escola pra estar conversando com o diretor só assim Juraci poderia retornar a aula. Vendo que Juraci então não estava comparecendo seu professor ficou preocupado e foi até a casa de Juraci com os demais colegas dele, chegando lá se deparou com a situação que eles estavam passando que era a falta de saúde de seu Vicente, ou seja, a depressão e estafa

- O que ele tem? – perguntou o professor.
- Não sei direito. Ele ficou desempregado e se desinteressou de tudo. O médico que consultou meu pai disse que era depressão e estafa. (SILVA, 1988, p. 76).

Muitas coisas podem causar a depressão no caso de seu Vicente foi à falta de emprego, e a saudade do campo. Todas as pessoas carregam consigo marcas que a vida deixou. O senhor Tanaka, um feirante amigo de Juraci, observando-o relembrou do seu passado através de comparação com a infância de Jura, pois.

Quando voltava para casa, no seu velho caminhão que sacolejava as caixas de madeira, o feirante sorriu feliz. Lembrava-se de alguém, franzinho e de olhos rasgados, que há muito tempo deixara os estudos para ajudar o pai na luta pela vida. Imaginava naquele outro menino, honesto e corajoso, o filho que não pudera ter. (SILVA, 1988, p.80)

Características de Juraci como sua honestidade e coragem trouxeram boas lembranças ao feirante. Assim como más lembranças, os pensamentos podem surpreender trazendo lembranças positivas, a paz tanto esperada, lembrar o passado através de Juraci então fez Tanaka se lembrar da família que tinha, e se sentir alegre. “E se lembrou de que sua mulher e três filhas esperavam-no alegres para o almoço. Naquele momento Tanaka era um homem feliz, em paz com Deus e com o mundo”. (SILVA, 1988, p.80).

Tanaka se sentiu em paz, percebe-se que companhia de pessoas amadas também ajuda muito. O trabalho também é muito importante na vida de uma pessoa, pois traz ocupação para a mente fazendo com que se sinta bem. Seu Vicente começou a melhorar quando conseguiu arrumar emprego, mesmo que fosse informal, ou seja,

Fazia pequenos serviços para vizinhos: limpar um quintal, consertar uma torneira, pintar um portão. As crises de melancolia foram desaparecendo e o velho voltava a se interessar pela vida. Juraci conseguiu animá-lo quando falou sobre o trabalho na feira. (SILVA, 1988, p. 82)



Sendo assim com a ocupação do trabalho seu Vicente foi parando de ter suas crises de tristeza. Pessoas que se importam também fazem toda diferença nas horas difíceis, no caso Juraci se preocupava muito com o pai e isto o ajudou. A vida está em constantes mudanças e para sobreviver é necessário ir à luta sempre. Assim como Juraci, há pessoas que precisam se adaptar com novos locais, novos trabalhos, novas amizades. Percebe-se que o que aconteceu com Juraci e seu pai, de serem expulsos do campo e irem para a cidade são frequentes acontecer com outras famílias. Muitas crianças para ajudar em casa deixam a escola, assim como Juraci e muitos de seus colegas. Nesse sentido, Silva (1988) destaca que:

Jura se emocionou. Assim como ele próprio, os dois companheiros tinham de lutar para viver. Mas havia uma diferença: Damião e Maguila tinham saído da escola e nunca mais voltariam a estudar. A necessidade de ajudarem aos pais operários expulsara-os da escola para sempre. (SILVA, 1988, p.84).

Por necessidade vê se com tristeza então essa realidade e muitas vezes mesmo nessa luta do dia-a-dia surge imprevistos, na feira onde Jura e seus colegas trabalhavam certo dia apareceu um fiscal, tirando todas as mercadorias dos comerciantes o que causou grande alvoroço, até mesmo pessoas que tinham apenas aquele meio de sobrevivência foram arrancados os produtos. Sobre esse assunto Silva (1988) relata que:

O “comando” invadiu a feira e, com violência, tomou as mercadorias dos vendedores desprevenidos ou mais lentos. ‘Jura ouviu um coro de homens, mulheres e crianças que imploravam a devolução das mercadorias apreendidas. Mas o que lhe cortou o coração, foi o pranto silencioso da baianinha Das Dores. Ela vendia cocadas, que era o único meio de vida de sua mãe viúva. (SILVA, 1988, p.86).

Vendo a injustiça que estava ocorrendo com os comerciantes, Juraci cansado de ser humilhado tomou posição defendendo assim seus colegas de trabalho, sendo assim, Jura indignado reagiu a tamanha crueldade.

- Isto não pode continuar assim! TEM QUE MUDAR! (**Grifo da autora**). Os olhares voltaram para Juraci concordando. Ele e seus companheiros tinham direito ao trabalho e à vida. E os damiões, maquilas e juracis tinham direito à educação. Livros, coleguismo, teatro e esporte para todos. Não era proibido sonhar com o amor de Claudilene, em jogar no Coringão. Havia esperança: BRASIL do povo CAMPEÃO!!! (**Grifo da autora** (SILVA, 1988, p.87)

Jura entendeu que todas as pessoas tinham o direito de trabalhar, de se divertirem e que ninguém teria direito de impedir, no dia seguinte “o sol da manhã rompeu as sombras dos edifícios e iluminou o menino. Naquele momento, Juraci jurou a si mesmo que ele e seu pai nunca mais seriam EXPULSOS DE CAMPO”. (**Grifo da autora**) (SILVA, 1988, p. 87)

O garoto aprendeu a resistir aos desafios da vida, tudo que passou não ajudou apenas ele a ser forte, mas todos que estavam a sua volta. Sendo assim Juraci precisou tomar atitude, tomar ação compreende-se que “nem toda ação é resistência, mas toda resistência demanda ação”(GUIMARÃES, 2013, p. 13) e para resistir assim às adversidades Juraci precisou reagir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que campo e cidade sempre vão de certa forma terem algum tipo de relação, pois mesmo tendo características distintas, o modo de viver será parecido, pois nos dois meios como mostra a obra *Expulsos de Campo* de Alcides R.J. da Silva, tem escolas, trabalho, é possível fazer amizades. Mesmo com atividades distintas um é receptível ao outro, às vezes contendo certo estranhamento, mais no fim tem sim, um acolhimento.

As relações entre campo e cidade passaram por grandes transformações no decorrer dos anos, como por exemplo, nas formas de trabalho, surge a modernização das cidades onde foi necessário o homem do campo buscar meios de sobrevivência. Sendo assim, inicia-se o contato campo e cidade e, muitas vezes esse contato gera certo estranhamento como pode ser percebido na obra analisada, mas nota-se também o acolhimento por parte da cidade ao homem do campo.

Com a busca de melhorias, de necessidades de vivência é visível a partida, levando consigo memórias de um tempo passado que é sentimento vivido no novo local e relembrados a dor do ressentimento e humilhações, mas também vem a mente sentimentos de amor, de paz, alegrias amizadas, que jamais serão esquecidas.

A memória possibilita coisas positivas e negativas, cabe a cada um fazer a escolha certa; cada pessoa traça sua história, às vezes a vida traz desafios que nem sempre serão fáceis, mais se traz é porque tem algum significado, tem por objetivo ver a superação daqueles que a vivem. Mesmo que as turbulências o façam desistir, é necessário ser forte e persistir.

É necessário tomar posição nas adversidades, ter capacidade de se defender das humilhações sofridas, e estar ao lado dos amados companheiros de caminhada. A memória servirá assim para lembrar-se das dores, fazendo a pessoa mais forte ao observar a superação, a memória também servirá de conforto das alegrias, para se tomar a posição de dizer que não serão mais *Expulsos de Campo*, ou seja, não deixarão as adversidades serem motivos de sofrimento.

**LISTA DE FONTES**

SILVA, Alcides J. R. da. **Expulsos do Campo**. São Paulo: Editora Brasil, 1986.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. “Tema, Meta, Metáfora: Porque a Historiografia”. In: **Teme e Treme Diante da Literatura**. Catalão v.17, n.2, p. 17-42, 2013. Disponível no site: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32233>. Acesso em: 20/03/2017.

BORGES, Valdeci. “História e Literatura: Algumas Considerações”. In: **Revista de Teoria da História**. Catalão: UFG/ Câmpus de Catalão. Vol. 01, nº 03, Edição Junho, p. 1-16, 2010. Disponível no site: <[https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO\\_\\_BORGES.pdf](https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf)>. Acesso em 20/03/2017.

CAMPELLO, Cristie de Moraes. **O ressentimento, o esquecimento e o riso: as metamorfoses da memória dos idosos numa perspectiva nietzschiana**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro–UNIRIO, 2008. (Dissertação de Mestrado).

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. “A cidade narrada: a literatura como fonte para a história urbana”. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Lugares dos Historiadores: Velhos e novos desafios. Florianópolis/SC: UFSC, de 27 a 31 de julho de 2015. Disponível no site: <[http://www.snh2015.anpuh.org/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=1926](http://www.snh2015.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=1926)>. Acesso em: 11/03/2017.

CUNHA, Rodrigo de Moura e. **Memória dos Ressentimentos: A Luta Armada através do Cinema brasileiro dos anos 1980 e 1990**. In: Rio de Janeiro: PUC, 2006. (Dissertação de Mestrado).

GUIMARÃES, Joui. **O conceito de Resistência entre a memória e a história**, Natal.RN, 22 a 26 de Julho 2013.

FERNANDES, Marilena Julimar. **PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA X ANTÔNIO (TOTÓ) RAMOS CAIADO: Memórias, Ressentimentos, Esquecimentos e Silêncios (1930-1970)**. Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. “A superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche”. In: **Estudos Nietzsche**. Curitiba, v. 3, n. 2, p. 183-206, jul./dez. 2012. Disponível no site: <<http://www.doi: 10.7213/estudos Nietzsche. 03.002. AO. 03>>. Acesso em 15/05/2017.

SANTOS, Darlan Roberto dos. “Sem Trabalho, Sem Lugar: Indivíduos Supérfluos na Sociedade Contemporânea”. In: **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**. Nº 19– janeiro-junho de 2012. Acesso em 15/05/2017.

TAILLE, Yves de La. “O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade”. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2002, 15(1), pp. 13-25. Disponível no site: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a03v15n1.pdf>>. Acesso em 15/05/2017.

VASCONCELOS, Sonale. **Relação cidade-campo: Permanência e recriação dos subespaços rurais na cidade de Campina Grande-PB**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba Centro de ciências exatas e da natureza, 2013. (Dissertação de Mestrado)